

- jornal "linha do
sul"

- jorn. Maria Brito

Fundação Cuidar o Futuro



JULHO 1983

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRO MINISTRO

Fundação Cuidar o Futuro



N/ Ref.ª 81/83

V/ Ref.ª

ASSUNTO: Pedido de entrevista
para o nosso jornal

Exmª. Srª.

Engª. Maria de Lurdes Pintasilgo
Alameda Santo António dos
Capuchos, 4-5º
1100 LISBOA

PINHAL NOVO, 19 de Maio de 1983

Exmª. Senhora,

Na sequência do contacto estabelecido com V. Exª. com a nossa colaboradora Maria de Brito, vimos apresentar-lhe um questionário centrado especialmente sobre temas cooperativistas e para o qual imensamente agradecemos o favor das suas respostas.

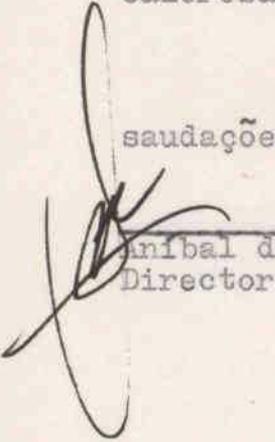
O depoimento de V. Exª. será publicado, em princípio, no nosso número de Junho e terá uma expressão semelhante à que nos últimos números foi dada a outras personalidades que da mesma forma convidámos.

Juntamos alguns dos nossos últimos exemplares que poderão deixar uma idêia mais clara dos nossos propósitos.

Agradecemos ainda que as suas respostas pudessem ser acompanhadas de um breve resumo biográfico para a mais completa ilucidação dos nossos leitores.

Ficamos antecipadamente gratos pelo favor da atenção que nos dispensar e, entretanto, apresentamos a V. Exª. as nossas mais calorosas

saudações associativas,



Aníbal de Sousa
Director



COOP

UMA FORÇA DOS CONSUMIDORES



INQUÉRITO PARA ENGA. DA. MARIA DE LURDES PINTASILGO

- 1 - São conhecidas as suas frequentes referências a uma nova ordem cultural e sócio-económica a nível internacional. Nessa nova ordem, que lugar pensa que poderá caber ao movimento cooperativo?
- 2 - Como lhe parece que o cooperativismo é visto hoje no plano mundial pelos poderes públicos e pelos mais importantes organismos internacionais?
- 3 - Acha que as figuras e as instituições políticas portuguesas têm sido sensíveis aos projectos e às propostas do movimento cooperativo nacional e estão devidamente informadas das suas realizações e potencialidades?
- 4 - Pensa que o movimento cooperativo se poderá fortalecer e expandir rapidamente em Portugal? Que será necessário para isso? **Fundação Cuidar o Futuro**
- 5 - Gostaria de complementar este questionário com uma mensagem aos nossos leitores e aos cooperativistas em geral?

Jornal "LINHA DO SUL"

Pinhal Novo

ENTREVISTA PARA O JORNAL "LINHA DO SUL"



1-SÃO CONHECIDAS AS SUAS FREQUENTES REFERENCIAS A UMA NOVA ORDEM CULTURAL E SOCIO-ECONÓMICA A NIVEL INTERNACIONAL. NESSA NOVA ORDEM, QUE LUGAR PENSA QUE PODERÁ CABER AO MOVIMENTO COOPERATIVO?

MLPintasilgo- A NOEI (nova ordem económica internacional) implica uma mudança ^{da perspectiva} quer na ordem externa (relações entre ~~os países ricos e os países pobres~~ ^{os países ricos e os países pobres}), que altera ^{o crescente} estado de exploração ^{de uns pelos outros} quer na ordem interna (na estrutura económica de cada país, ^{mudança} sistema económico baseado exclusivamente no tipo de desenvolvimento industrial e dos modelos ideológicos que lhe dão sentido).

O movimento cooperativo sendo, desde já um tipo de relação económica e social baseada na cooperação para um fim comum, ^{implica} um princípio de auto-organização e de auto-gestão, cujo sentido advém do tipo de relações sociais que se estabelecem em torno de um objectivo.

Por isso o mov. coop. é já em pequena escala uma experiência em que a NOEI pode ser, e muitas vezes já é, explicitada.

2-COMO LHE PARECE QUE O COOPERATIVISMO É VISTO HOJE NO PLANO MUNDIAL PELOS PODERES PUBLICOS E PELOS MAIS IMPORTANTES ORGANISMOS INTERNACIONAIS?

MLP- Nesta questão há 2 tipos de campos a clarificar: o 1º refere-se aos organismos inter-governamentais, o 2º refere-se às Organizações internacionais Não-Governamentais de ajuda ao 3º mundo.

No 1º caso os poderes públicos situam-se muito mais ao nível das formas sociais das estruturas produtivas. Por isso o cooperativismo é praticamente metido entre parêntesis pelos poderes públicos quando funcionam a nível internacional.

No 2º caso há uma clara opção por estabelecer ligação e apoio directo a cooperativas locais. Só assim a ajuda técnica e/ou económica pode ser outra coisa do que simples paternalismo,

.../...



.../...

sendo antes fruto de um enriquecimento recíproco das partes envolvidas. De facto, no 3º mundo há muitas vezes condições objectivas que permitem formas de associação e de trabalho alternativos aos países ditos desenvolvidos. O valor destas experiências pode ser partilhado tanto pelo Norte como pelo Sul, de forma mais igualitária.

3-ACHA QUE AS FIGURAS E AS INSTITUIÇÕES POLITICAS PORTUGUESAS TEM SIDO SENSIVEIS AOS PROJECTOS E AS PROPOSTAS DO MOV.COOP. NACIONAL E ESTÃO DEVIDAMENTE INFORMADAS DAS SUAS REALIZAÇÕES E POTENCIALIDADES?

Muito antes do 25 de Abril, o pensamento do António Sérgio marcou o início e os primeiros avanços do mov. coop. português. Após um longo período de inércia forçada, assistimos desde o 25 de Abril a um florescimento de cooperativas. Muitas delas com uma vida efémera e acidentada, em parte por dificuldades de ordem legal, em parte por dissensões ideológicas internas.

Se as cooperativas agrícolas sofreram o destino das várias fases do que se chamou a reforma agrária, as cooperativas de consumo tiveram melhor sorte. Pouco a pouco foi-se solidificando uma mentalidade e uma estrutura legal que abrem perspectivas ao desenvolvimento do mov. coop.

O espírito cooperativo começou a manifestar-se nos últimos anos em sectores não directamente ligados à produção e ao consumo, ganhando assim uma dimensão cultural que beneficiará certamente todo o movimento cooperativo. É o caso das cooperativas de ensino, de teatro, de musica, etc...

Se legalmente existem os mecanismos necessários e as pessoas têm iniciativa, poder-se-á perguntar por que razão não há mais empreendimentos dentro do espírito cooperativista?

Julgo que a razão política fundamental é a excessiva polarização ideológica estabelecida entre a iniciativa privada e o sector público. Essa polarização não só impediu a delimitação de sectores de ser tratada pela forma científica e técnica adequada mas marginalizou, de facto, o mov. cooperativo.

É claro que as coop. têm também que se impôr por elas mesmas e de algum modo "forçar" as autoridades competentes a darem-lhes apoio.

4-PENSA QUE O MOV.COOPERATIVO SE PODERÁ FORTALECER E EXPANDIR RAPIDAMENTE EM PORTUGAL? QUE SERÁ NECESSÁRIO PARA ISSO?

Para que o mov. coop. se fortaleça em Portugal será sem dúvida necessário que exista um mínimo de estabilidade política e de objectivos claros e modernos quanto à recuperação económica. Isto significa que a economia e o aproveitamento dos recursos nacionais têm que ser pensados aproveitando todas-mas mesmo todas-as nossas potencialidades.

É importante igualmente que as pessoas estejam despertas para a actividade cooperativa. Isso supõe uma gradual mudança de mentalidades, fazendo prevalecer a solidariedade sobre a concorrência, o associativismo sobre a competição. É isso quer dizer que se vença o individualismo que é a maior de todas as batalhas.

Penso que a expansão do mov. coop. depende muito da imagem de credibilidade em termos económicos que possa transmitir. Se as cooperativas forem um sucesso, é natural que haja mais gente que se interesse pelo movimento.

Fundação Cuidar o Futuro

5-GOSTARIA DE COMPLEMENTAR ESTE QUESTIONÁRIO COM UMA MENSAGEM AOS NOSSOS LEITORES E AOS COOPERATIVISTAS EM GERAL?

Apenas isto: temos nas nossas mãos capacidades e talentos para, de formas organizadas, criarmos uma sociedade melhor.

O movimento cooperativo é uma destas formas. Usemo-la, pois, para que a sociedade, mais enriquecida e mais viva através dos esforços conjuntos das pessoas em cooperativas, possa dar ao Estado português as condições necessárias para se impôr como nação de oito séculos e como povo verdadeiramente independente.

